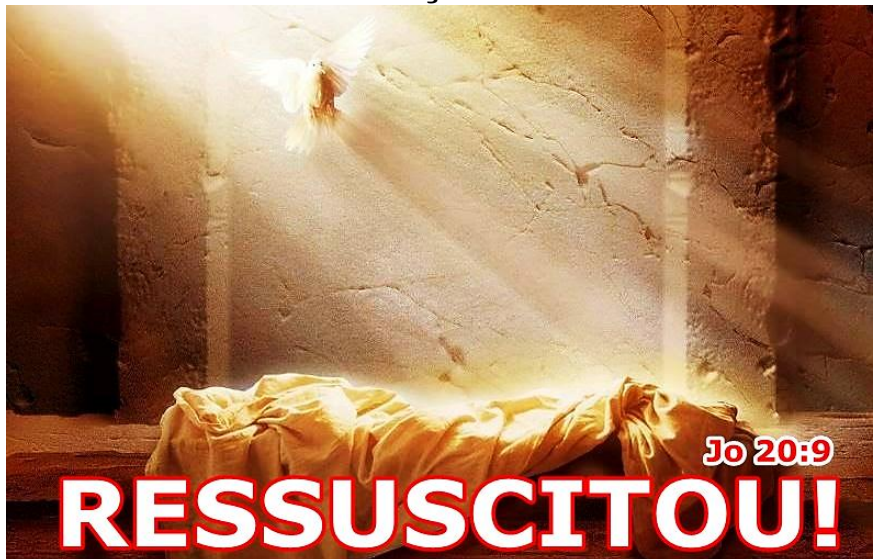


Domingo de Páscoa na Ressurreição do Senhor – Ano A – 05.04.2026



Viver a Palavra

No Tríduo Pascal a Igreja celebra os máximos mistérios da redenção humana. Se toda **a vida do Senhor Jesus foi uma “páscoa”** – “*saí do Pai e vim ao mundo; de novo deixo o mundo e vou para o Pai*” (Jo 16, 28) – foi-o, porque, num momento determinado da sua existência, Jesus como que se concentrou e viveu uma páscoa tornando-se “páscoa”: “*antes da festa da Páscoa, sabendo Jesus que chegara a sua hora de passar deste mundo para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim*” (Jo 13, 1). Foi então que Jesus realizou de forma total, plena e definitiva a obra da salvação que o Pai lhe confiou. Cumprindo a antiga festa, inaugurou a nova. Ele é a “*nossa Páscoa, imolada*” (cf. 1 Cor 5, 7).

Também a Igreja, que nasce deste mistério, dele deve viver permanentemente. «*Todas as vezes que celebramos o memorial deste sacrifício realiza-se a obra da nossa redenção*» (oração SO da Missa da Ceia do Senhor). Celebrando continuamente o memorial da Páscoa, a Igreja vai experimentando que ela mesma é feita na Eucaristia que faz. Neste contexto ganha relevo a celebração anual do mistério pascal. Como já convidava o Apóstolo: «*celebrems a festa, ... com pães ázimos: na pureza e na verdade*» (1 Cor 5, 8).

O Tríduo consta da celebração da **Paixão e Morte** (Sexta-Feira Santa), **Sepultura** (Sábado) e **Ressurreição** (Domingo, começando na Vigília e terminando nas II Vésperas). Mais do que uma sucessão de momentos autónomos, trata-se de **um “contínuo” celebrativo** com uma profunda unidade, culminando na Vigília Pascal, a “*mãe de todas as Vigílias*”, a mais importante de todas as liturgias do ano. Essa Eucaristia era, originariamente, a **única** do Tríduo, pondo termo ao jejum sacramental dos dois primeiros dias. Atualmente, não é assim, porque a celebração da **Missa da Ceia do Senhor** (Quinta-Feira Santa, último dia da Quaresma) passou a ser considerada como a abertura e introdução do Tríduo. Isso quer dizer que, em termos litúrgicos, essa Missa já pertence à Sexta-Feira. Caso contrário, teríamos um “*tríduo*” com quatro dias!

Procuremos, pois, evidenciar a **unidade** das celebrações e a sua **progressão**. Essa dinâmica ajuda a sentir a Páscoa como “**passagem**”. Assim, por exemplo, a celebração da Ceia do Senhor não deve aparecer como uma festa isolada da Eucaristia e do Sacerdócio (que também é), mas como uma verdadeira introdução à celebração pascal no seu todo, o que transparece logo desde o cântico de entrada (“*Toda a nossa glória está na Cruz...*”). Significativamente, a primeira leitura apresentará a **instituição** da Páscoa do AT (Ex 12, 1-8.11-14). E a celebração termina sem despedida da assembleia; o mesmo acontecerá em 6.^a Feira Santa. Como se estivessem em assembleia contínua, os fiéis só serão despedidos solenemente no final da Vigília pascal!

O Tríduo põe **problemas pastorais** não indiferentes. À sua **principalidade** no ordenamento litúrgico deveria corresponder a **excelência** da realização celebrativa: deveriam intervir todos os ministros previstos, escolhendo-se aqueles que, objetivamente, são os mais capazes e apostando, em geral na qualidade de todas as propostas: os melhores leitores, os melhores salmistas, os melhores acólitos, a melhor música, as melhores homilias... Infelizmente, porém, estamos longe desse ideal: **as férias e mobilidade** (“*nomadismo*”?), que caracterizam a nossa época, **dispersam as comunidades**. Em alguns casos, quase que as dissolvem. Geralmente – sobretudo em ambiente urbano – impedem-nas de poder contar com todos aqueles que nelas se costumam integrar. E na hora de programar a celebração, a lista das disponibilidades coloca sérios obstáculos à concretização do ideal.

Que solução para este problema pastoral? Com quem vamos celebrar a Páscoa? Ou/e, falando na perspectiva de quem tem *emigrantes-ausentes* a par de *imigrantes-visitantes*, quem vem celebrar a Páscoa connosco? Não temos soluções no bolso para partilhar, apenas sugestões modestas e, porventura, utópicas:

CONTEXTO

A obra de Lucas (Evangelho e Atos dos Apóstolos) aparece entre os anos 80 e 90, numa fase em que a Igreja já se encontra organizada e estruturada, mas em que começam a surgir “mestres” pouco ortodoxos, com propostas doutrinárias estranhas e, às vezes, pouco cristãs. Neste ambiente, as comunidades cristãs começam a necessitar de critérios claros que lhes permitam discernir a verdadeira doutrina de Jesus, da falsa doutrina dos falsos mestres.

Lucas apresenta, então, a Palavra de Jesus, transmitida pelos apóstolos sob o impulso do Espírito Santo: é essa Palavra que contém a proposta libertadora que Deus quer apresentar aos homens. Nos Atos, em especial, Lucas mostra como a Igreja nasce da Palavra de Jesus, fielmente anunciada pelos apóstolos; será esta Igreja, animada pelo Espírito, fiel à doutrina transmitida pelos apóstolos, que tornará presente o plano salvador do Pai e o fará chegar a todos os homens.

Neste texto, em concreto, Lucas propõe-nos o testemunho e a catequese de Pedro em Cesareia, em casa do centurião romano Cornélio. Convocado pelo Espírito (cf. Act 10,19-20), Pedro entra em casa de Cornélio, expõe-lhe o essencial da fé e batiza-o, bem como a toda a sua família (cf. Act 10,23b-48). O episódio é importante porque Cornélio é o primeiro pagão a cem por cento a ser admitido ao cristianismo por um dos Doze (o etíope de que se fala em Act 8,26-40 já era “prosélito”, isto é, simpatizante do judaísmo). Significa que a vida nova que nasce de Jesus é para todos os homens. *in Dehonianos*.

ACTUALIZAÇÃO

A reflexão pode partir das seguintes coordenadas:

- A ressurreição de Jesus é a consequência de uma vida gasta a “fazer o bem e a libertar os oprimidos”. Isso significa que, sempre que alguém – na linha de Jesus – se esforça por vencer o egoísmo, a mentira, a injustiça e por fazer triunfar o amor, está a ressuscitar; significa que, sempre que alguém – na linha de Jesus – se dá aos outros e manifesta, em gestos concretos, a sua entrega aos irmãos, está a construir vida nova e plena. Eu estou a ressuscitar (porque caminho pelo mundo fazendo o bem e libertando os oprimidos), ou a minha vida é um repisar os velhos esquemas do egoísmo, do orgulho, do comodismo?

- A ressurreição de Jesus significa, também, que o medo, a morte, o sofrimento, a injustiça, deixam de ter poder sobre o homem que ama, que se dá, que partilha a vida. Ele tem assegurada a vida plena – essa vida que os poderes do mundo não podem destruir, atingir ou restringir. Ele pode, assim, enfrentar o mundo com a serenidade que lhe vem da fé. Estou consciente disto, ou deixo-me dominar pelo medo, sempre que tenho de agir para combater aquilo que rouba a vida e a dignidade, a mim e a cada um dos meus irmãos?

- Aos discípulos pede-se que sejam as testemunhas da ressurreição. Nós não vimos o sepulcro vazio; mas fazemos, todos os dias, a experiência do Senhor ressuscitado, que está vivo e que caminha ao nosso lado nos caminhos da história. A nossa missão é testemunhar essa realidade; no entanto, o nosso testemunho será vazio e sem sentido se o nosso testemunho não for comprovado pelo amor e pela doação (as marcas da vida nova de Jesus). *in Dehonianos*.

SALMO RESPONSORIAL – Salmo 117 (118)

**Refrão: Este é o dia que o Senhor fez:
exultemos e cantemos de alegria.**

**Dai graças ao Senhor, porque Ele é bom,
porque é eterna a sua misericórdia.**

**Diga a casa de Israel:
é eterna a sua misericórdia.**

**A mão do Senhor fez prodígios,
a mão do Senhor foi magnífica.**

**Não morrerei, mas hei-de viver,
para anunciar as obras do Senhor.**

**A pedra que os construtores rejeitaram
tornou-se pedra angular.**

**Tudo isto veio do Senhor:
é admirável aos nossos olhos.**

LEITURA II – Colossenses 3,1-4

**Leitura da Epístola do apóstolo São Paulo aos Colossenses
Irmãos:**

**Se ressuscitastes com Cristo,
aspirai às coisas do alto,
onde está Cristo, sentado à direita de Deus.
Afeiçoai-vos às coisas do alto e não às da terra.**

**Porque vós morrestes,
e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus.
Quando Cristo, que é a vossa vida, Se manifestar,
também vós vos haveis de manifestar com Ele na glória.**

CONTEXTO:

Quando escreveu a Carta aos Colossenses, Paulo estava na prisão (em Roma?). Epafras, seu amigo, visitou-o e falou-lhe da “crise” por que estava a passar a Igreja de Colossos. Alguns doutores locais ensinavam doutrinas estranhas, que misturavam especulações acerca dos anjos (cf. Col 2,18), práticas ascéticas, rituais legalistas, prescrições sobre os alimentos e a observância de determinadas festas (cf. Col 2,16.21): tudo isso deveria (na opinião desses “mestres”) completar a fé em Cristo, comunicar aos crentes um conhecimento superior de Deus e dos mistérios cristãos e possibilitar uma vida religiosa mais autêntica. Contra este sincretismo religioso, Paulo afirma a absoluta suficiência de Cristo.

O texto que nos é proposto como segunda leitura é a introdução à reflexão moral da carta (cf. Col 3,1-4,6). Depois de apresentar a centralidade de Cristo no projeto salvador de Deus (cf. Col 1,13-2,23), Paulo recorda aos cristãos de Colossos que é preciso viver de forma coerente e verdadeiro o compromisso assumido com Cristo. *in Dehonianos*

ACTUALIZAÇÃO

Considerar as seguintes questões, na reflexão:

- O batismo introduz-nos numa dinâmica de comunhão com Cristo ressuscitado. Tenho consciência de que o meu batismo significou um compromisso com Cristo? Quando, de alguma forma, tenho um papel ativo na preparação ou na celebração do sacramento do batismo, tenho consciência – e procuro passar essa mensagem – de que o sacramento não é um ato tradicional ou social (que, por acaso, até proporciona fotografias bonitas), mas um compromisso sério e exigente com Cristo?

- A minha vida tem sido uma caminhada coerente com esta dinâmica de vida nova que começou no dia em que fui batizado? Esforço-me, realmente, por me despojar do “homem velho”, egoísta e escravo do pecado, e por me revestir do “homem novo”, que se identifica com Cristo e que vive no amor, no serviço, na doação aos irmãos? *in Dehonianos*.

SEQUÊNCIA DA PÁSCOA

À Vítima pascal

ofereçam os cristãos

sacrifícios de louvor.

O Cordeiro resgatou as ovelhas:

Cristo, o Inocente,

reconciliou com o Pai os pecadores.

A morte e a vida

travaram um admirável combate:

Depois de morto,

vive e reina o Autor da vida.

Diz-nos, Maria:

Que viste no caminho?

Vi o sepulcro de Cristo vivo

e a glória do Ressuscitado.

Vi as testemunhas dos Anjos,

vi o sudário e a mortalha.

Ressuscitou Cristo, minha esperança:

precederá os seus discípulos na Galileia.

Sabemos e acreditamos:

Cristo ressuscitou dos mortos:

Ó Rei vitorioso,

tende piedade de nós.

EVANGELHO – João 20,1-9

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São João

No primeiro dia da semana,

Maria Madalena foi de manhãzinha, ainda escuro, ao sepulcro

e viu a pedra retirada do sepulcro.

Correu então e foi ter com Simão Pedro

e com o discípulo predileto de Jesus e disse-lhes:
«Levaram o Senhor do sepulcro, e não sabemos onde O puseram». Pedro partiu com o outro discípulo e foram ambos ao sepulcro. Corriam os dois juntos, mas o outro discípulo antecipou-se, correndo mais depressa do que Pedro, e chegou primeiro ao sepulcro. Debruçando-se, viu as ligaduras no chão, mas não entrou. Entretanto, chegou também Simão Pedro, que o seguira. Entrou no sepulcro e viu as ligaduras no chão e o sudário que tinha estado sobre a cabeça de Jesus, não com as ligaduras, mas enrolado à parte. Entrou também o outro discípulo que chegara primeiro ao sepulcro: viu e acreditou. Na verdade, ainda não tinham entendido a Escritura, segundo a qual Jesus devia ressuscitar dos mortos.

CONTEXTO:

Na primeira parte do Quarto Evangelho (cf. Jo 4,1-19,42), João descreve a atividade criadora e vivificadora do Messias (o último passo dessa atividade destinada a fazer surgir o Homem Novo é, precisamente, a morte na cruz: aí, Jesus apresenta a última e definitiva lição – a lição do amor total, que não guarda nada para si, mas faz da sua vida um dom radical ao Pai e aos irmãos); na segunda parte (cf. Jo 20,1-31), João apresenta o resultado da ação de Jesus: a comunidade de Homens Novos, recriados e vivificados por Jesus, que com Ele aprenderam a amar com radicalidade. Trata-se dessa comunidade de homens e mulheres que se converteram e aderiram a Jesus e que, em cada dia – mesmo diante do sepulcro vazio – são convidados a manifestar a sua fé n'Ele. *in Dehonianos*.

ACTUALIZAÇÃO

A reflexão pode partir dos seguintes dados:

- A lógica humana vai na linha da figura representada por Pedro: o amor partilhado até à morte, o serviço simples e sem pretensões, a entrega da vida, só conduzem ao fracasso e não são um caminho sólido e consistente para chegar ao êxito, ao triunfo, à glória; da cruz, do amor radical, da doação de si, não pode resultar realização, felicidade, vida plena. É verdade que é esta a perspetiva da cultura dominante; é verdade que é esta a perspetiva de muitos cristãos (representados na figura de Simão Pedro). Como me situo face a isto?
- A ressurreição de Jesus prova, precisamente, que a vida plena, a vida total, a transfiguração total da nossa realidade finita e das nossas capacidades limitadas passa pelo amor que se dá, com radicalidade, até às últimas consequências. Tenho consciência disso? É nessa direção que conduzo a caminhada da minha vida?
- Pela fé, pela esperança, pelo seguimento de Cristo e pelos sacramentos, a semente da ressurreição (o próprio Jesus) é depositada na realidade do homem/corpo. Revestidos de Cristo, somos nova criatura: estamos, portanto, a ressuscitar, até atingirmos a plenitude, a maturação plena, a vida total (quando ultrapassarmos a barreira da morte física). Aqui começa, pois, a nova humanidade.
- A figura de Pedro pode também representar, aqui, essa velha prudência dos responsáveis institucionais da Igreja, que os impede de ir à frente da caminhada do Povo de Deus, de arriscar, de aceitar os desafios, de aderir ao novo, ao desconcertante, ao incompreensível. O Evangelho de hoje sugere que é, precisamente aí que, tantas vezes, se revela o mistério de Deus e se encontram ecos de ressurreição e de vida nova. *in Dehonianos*.

Para os leitores:

A **primeira leitura** é marcada por um longo discurso de Pedro anunciando a ressurreição de Jesus. A proclamação desta leitura deve ter em atenção as longas frases com diversas orações que exigem um especial cuidado na respiração e nas pausas.

A brevidade da **segunda leitura** tirada da Carta aos Colossenses, não deve diminuir o cuidado na sua preparação. A ressurreição de Cristo é fonte de transformação da vida dos fiéis. Deste modo, a proclamação desta leitura deve ser marcada pelo tom exortativo, valorizando as formas verbais no imperativo: "aspirai" e "afeiçoai-vos".